



UnB

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

LETÍCIA DE ARAUJO SILVA

ALFABETIZAÇÃO E AUTISMOS: DESAFIOS E ADEQUAÇÕES CURRICULARES

Brasília, DF
2023

LETÍCIA DE ARAUJO SILVA

ALFABETIZAÇÃO E AUTISMOS: DESAFIOS E ADEQUAÇÕES CURRICULARES

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito à obtenção do título de licenciado/a em Pedagogia.

Professor Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique de Felipe.

Brasília, DF
2023

ALFABETIZAÇÃO E AUTISMOS: DESAFIOS E ADEQUAÇÕES CURRICULARES

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do
Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília do(a) estudante

Letícia de Araujo Silva

Prof. Dr. Paulo Henrique de Felipe
Professor-Orientador

Prof.^a Dr.^a, Fátima Lucilia Vidal
Rodrigues
Professor-Examinador

Prof.^a Dr.^a, Silmara Carina Dornelas
Munhoz
Professor-Examinador

Brasília, 14 de julho de 2023.

DEDICATÓRIA

Este artigo é dedicado primeiramente a Deus, O qual me designou um papel tão desafiador e lindo no mundo que é lecionar: “Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai” (Colossenses 3:17). À minha família que nunca parou de acreditar em mim e me impulsionar a não desistir dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de deixar a minha marca no mundo através de um trabalho tão recompensador como a educação.

Agradeço aos meus pais, Fernando e Grace, eles me ensinaram a lutar pelos meus sonhos e a seguir meu coração em direção a pedagogia.

Agradeço ao meu irmão, Samuel, por ter me dado o título de irmã mais velha e ser meu confidente, obrigada por me mostrar meu lado mais humano e amável.

Agradeço a minha tia, Carla, que me ensinou a amar a área da educação especial.

Agradeço a Ana que cuidou tanto de mim e sempre celebrou minhas conquistas, obrigada por me adotar como sua princesinha aqui na Terra, enquanto você tem uma estrelinha tão linda no céu.

Agradeço as minhas primas, Maria Clara, Emanuela e Carolina, por todo apoio ao longo da minha graduação.

Agradeço ao meu namorado, Elildo Matheus, que há oito anos me faz sonhar mais alto.

Agradeço minha família no geral, avós e avôs, tios e tias, primos e primas, afinal vocês fizeram e fazem parte da minha construção como pessoa.

Agradeço a minha xará Leticia W., por sempre me incentivar a conquistar os meus sonhos, sua amizade é muito especial para mim.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Fátima Rodrigues e a Prof.^a Dr.^a Silmara Munhoz, por terem aceitado o convite para compor a banca de defesa do meu Trabalho Final de Curso.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Henrique De Felipe, por todos os ensinamentos ao longo da elaboração deste artigo.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Edeilce Buzar, por ter me oportunizado um aprendizado tão intenso sobre a educação inclusiva me fazendo assim ter interesse pela área.

EPÍGRAFE

“O processo de inclusão educacional das pessoas com deficiência tem gerado frequentes inquietações, dúvidas e anseios na comunidade escolar, particularmente no que concerne às pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Um dos desafios enfrentados pelos profissionais da educação parece estar centrado no olhar que se tem sobre a pessoa com o transtorno, pois há uma aparente dificuldade de enxergar essas pessoas como sujeitos, com suas histórias de vida, preferências, motivações, habilidades, especificidades e seus comprometimentos, e reconhecê-las em suas múltiplas e diferentes formas de engajamento no mundo.”

Rafaella Asfora Siqueira Campos Lima, 2022.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TEA	Transtorno do Espectro Autista.
AEE	Atendimento Educacional Especial.
PPP	Projeto Político Pedagógico.
NEE	Necessidades Educacionais Específicas.
DSM	Neurocognitive Disorders Supplement.
PEI	Plano Educacional Individualizado.
SEA	Sistema de Escrita Alfabética.
APA	American Psychiatric Association.

MEMORIAL

Minha trajetória com a pedagogia vai muito além de uma escolha profissional, posso arriscar dizer que fui escolhida pela pedagogia e não o contrário. Para exemplificar melhor meu caminho e como o trilhei até chegar aqui vou precisar voltar a minha infância. Nasci e cresci em um contexto cristão, mais especificamente evangélico, e sempre amei estar e vivenciar a igreja. Diante das diversas atividades a mim propostas nessa perspectiva, a que mais me chamava atenção era a escola dominical bíblica. Quando criança fazia parte ativamente da turma, participando das atividades propostas.

A proposta pedagógica era bem interessante, tínhamos um momento para desenvolvimento fonológico das crianças, que era feito com canções e dinâmicas. Após isso, era a hora da historinha, do filme, desenho ou algo do tipo que tinha como objetivo ilustrar e abordar a história bíblica daquela aula, e por último fazíamos a atividade propriamente dita, com papel, lápis e tudo mais que fosse pedido. Éramos direcionados pela professora e realizávamos tudo conforme sugerido. Os exercícios eram bem didáticos, como caça-palavras, quebra-cabeça, ditado, desenho com tinta e colagem de acessórios (lantejoulas, pedrinhas e papéis coloridos) etc. Vendo o contexto fui me apaixonando por ensinar. Com meus 14 anos, fui colocada para auxiliar neste processo de todo domingo de manhã, isso porque sempre quis liderar e por me destacar em maturidade dos demais adolescentes, me fizeram o convite para compor o time de “tias da escolinha dominical”. Eu prontamente aceitei, afinal naquele momento eu queria vivenciar aquela experiência.

Neste processo tomei gosto por ler, ensinar e aprender juntamente com as crianças. Era bem interessante o processo de planejamento das aulas, a nossa criatividade tinha que ser bem aguçada porque não tínhamos uma matriz ou algo do tipo, pensávamos na atividade que tinha que ser dinâmica e envolvente para cada faixa etária. Esse é um detalhe engraçado, mas a sala era misturada com crianças de diversas idades, o que dificultava padronizar o processo de aprendizagem. Enfim, olhávamos a história bíblica, a atividade, planejávamos e fim.

De forma simplificada este foi o processo que me fez abrir os olhos para a pedagogia, antes mesmo que eu soubesse o que era esse termo, porém para surpresa de muitos quando fui realizar a inscrição da última etapa do programa de avaliação seriada da UnB (PAS), em 2018, não escolhi a pedagogia e nem nenhuma outra licenciatura, por causa da estigmatização que temos no ramo desisti na época. Após tentar nutrição e administração pelo PAS/UnB, obtive minha primeira reprovação, e por isso decidi ir para o cursinho e tentar o vestibular do meio do ano e, caso não obtivesse sucesso, tentaria o ENEM em novembro daquele ano.

Ao longo do cursinho, novamente me vi em uma encruzilhada, por não me ver realizada em nenhuma outra profissão que não fosse na área da educação, então no decorrer deste período tive que decidir o que era melhor para mim, independentemente de opiniões externas e estigmatizações da profissão. Em um momento de muita oração, sem saber que caminho trilhar, mas já sabendo que os planos de Deus eram me usar dentro da educação, em ajudar pessoas e não só ensinar, ou seja, ensinar de forma humanizada, me voltei para o único que eu sabia que podia me ajudar e a ordenança dEle foi muito clara: “vá sem medo”. Neste momento, marquei pedagogia no vestibular, sem dúvida alguma que Deus proveria um caminho de inúmeros acontecimentos incríveis, e não foi diferente.

Sinto-me abençoada de sobremaneira, sem nada a reclamar, pois minha trajetória tem sido de oportunidades e vivências sobrenaturais. Fui aceita em projetos de pesquisas e empregos que nunca pensei um dia serem reais para mim; vivi e conheci pessoas incríveis, inclusive professores que me auxiliaram e me oportunizaram muitas experiências transformadoras, inclusive quando fui sendo direcionada para o ramo da pedagogia inclusiva, sem ser algo planejado, o qual ocorreu de forma natural. Ao iniciar a graduação vivenciei muito o espaço intelectual e físico ofertado pelo UnB, no entanto após um semestre, infelizmente, a pandemia começou e eu só voltei a frequentar presencialmente a universidade no segundo semestre de 2021, ao longo deste período pandêmico comecei a me aprofundar sozinha no universo da educação inclusiva e fiz até alguns cursos EaD, mas sentia muita falta do contato presencial com os professores e a universidade em si e isso com certeza influenciou na minha formação profissional, já que foram momentos bem desafiadores da educação no geral, e algumas oportunidades de bolsas de pesquisas, por exemplo, eu não consegui sequer ter acesso, e com isso minha vivência acadêmica teve um vácuo significativo.

Meu primeiro contato com educação especial aconteceu em meu contexto familiar, por intermédio da minha tia Carla, professora da sala de recursos do centro de ensino especial nº3 em Taguatinga Sul, mas o contato mais aprofundado que vivenciei foi em uma disciplina de educação inclusiva, ministrada pela Prof.^a Edeilce Buzar e a forma como ela amava tudo aquilo me fez ter um olhar diferenciado. Mas, frente aos desafios e dificuldades que vi que enfrentaria tentei ir por outro caminho, mas não teve jeito, já que ao longo da prática docente (estágios) eu me aprofundei e decidi mergulhar neste universo, evidenciando a importância de estudar e me especializar para atuar nesta área.

Eu decidi me aprofundar no assunto quando em meu primeiro estágio fui colocada previamente para auxiliar e acompanhar um menino de 6 anos com síndrome de Asperger que se enquadra dentro do Espectro Autista, sendo um estado que a criança se encontra e influencia

diretamente na sua forma de enxergar o mundo e se relacionar com as pessoas ao redor, tendo algumas particularidades em relação a outras especialidades e limitações quando falamos no âmbito de educação especial. Minha função era ajudar tanto na compreensão da criança quanto ao ensino e aprendizagem em sala de aula, justamente pela individualidade dessa síndrome, porém ao longo do estágio percebi o quanto a formação de professores e auxiliares era defasada para lidar com crianças com algum tipo de deficiência. A escola foi muito falha ao me colocar sem qualquer experiência na área para lidar com esse aluno em uma etapa da vida tão fundamental que é a alfabetização, ele estava no início do ensino fundamental I. Sendo assim, eu por conta própria, já que não tive nenhum suporte da escola, muito pelo contrário, comecei a me dedicar a entender como funcionava a síndrome de Asperger e como facilitar o aprendizado de crianças que possuíam essa especialidade.

A professora em sala também não tinha nenhuma especialização/experiência e isso dificultava muito na hora de lidar com esse aluno frente à alfabetização. Foi, então, ao longo desse processo que constatei a importância das adequações educacionais no ensino e aprendizagem, da alfabetização principalmente, para alunos que necessitam da nossa atenção redobrada frente às suas individualidades, e a partir desse pensamento vivi outras experiências que só me fizeram ter mais certeza e confirmar a necessidade da capacitação de profissionais para o ensino especial.

Ao longo de alguns estágios, vivenciei diversas situações que chamaram a minha atenção: eu tinha vivido anteriormente um período profissional em que a professora não sabia lidar com um aluno com síndrome de Asperger, como citado anteriormente. Sendo assim, por conta própria, busquei conhecer mais acerca do assunto e planejar/aplicar adaptações didáticas/pedagógicas para ajudar em sala, já que eu era responsável por auxiliar unicamente esse aluno em seu desenvolvimento escolar, e isso gerou um vínculo entre nós gigantesco - este é um ponto que percebi ao lidar com autistas, quando você conquista a confiança deles, se cria ali um vínculo com infinitas possibilidades.

Após vivenciar diversas experiências frustrantes, da relação do ensino especial com a educação, em instituições privadas, logo depois do choque de realidade, fui trabalhar em uma outra instituição que tinha um Projeto Político Pedagógico (PPP) bem diferente da anterior e então experimentei uma situação extremamente diferenciada da anteriormente vivenciada por mim dentro da pedagogia.

Em uma classe de 1º do Ensino Fundamental, de um dado colégio particular, havia dois alunos autistas, um verbal e um não verbal, cada um contava com uma auxiliar/estagiária, que, claro, não tinham nenhum preparo para acompanhar e auxiliar no desenvolvimento deles,

porque a escola, infelizmente, não tinha esse pré-requisito para contratação, afinal em um contexto particular mais importa o financeiro do que a aprendizagem em si.

Algo que me deixou impressionada neste contexto foi a conduta da professora em sala, super bem-preparada e empenhada, todas as atividades desses alunos foram adaptadas para que eles se desenvolvessem lindamente, além de serem individualizadas, afinal estamos falando de um transtorno em que cada indivíduo expressará as dificuldades de uma forma. O autista não-verbal tinha algumas limitações mais profundas que o outro colega da sala, também, autista, como não conseguir segurar o lápis e por isso as suas atividades eram executadas com tinta em seu dedinho indicador e ele amava. Dessa forma, ele aprendeu como escrever o nome e diversas outras funcionalidades, além de ter desenvolvido a coordenação motora mais fina, diferentemente do aluno verbal que as atividades já eram a mesma da turma, mas ele tinha um auxílio maior da sua tutora para raciocinar e solucionar o que fosse preciso, sendo que alguns exercícios eram mais adaptados.

Essa forma que a professora encontrou de trazer adequações curriculares para sua sala, visando a inclusão e desenvolvimento igualitário em sua turma, foi muito elogiada na unidade, além de ter mostrado à coordenação o que precisava ser revisto no material didático, planejamento etc. Tudo que a professora executou em sala foi conversado e aprovado pela equipe gestora primeiramente, garantindo a eficácia da aprendizagem através de um trabalho conjunto e integrado.

Visto o que já foi descrito e exposto aqui, pude compreender a importância de uma educação colaborativa entre escola, família (comunidade) e aluno. Percebi como é fundamental ter “jogo de cintura”, ou seja, o professor saber se portar com responsabilidades e atribuições que lhe são requisitadas, como por exemplo saber lidar com alunos especiais e adequar o que for preciso para o seu pleno desenvolvimento educacional e no caso deste estudo, no ramo da alfabetização, outro importante ponto notado foi o preparo que a escola precisa visar ter para receber alunos com certas limitações.

Com essas percepções acerca da educação especial, fui pesquisando por curiosidade e me apaixonando pela educação inclusiva, colocando em ação minhas sugestões pedagógicas ao longo da minha vivência prática, levantando diversos desafios enfrentados, tanto por docentes como pelos alunos especiais, inseridos no ensino regular e como vencê-los.

Diante de tantos fatores e variáveis, só tenho a agradecer. Obrigada Deus por me designar um papel tão lindo, transformador e desafiador no mundo. Depois, obrigada pais por me apoiarem sempre e não desistirem de mim mesmo em momentos tão difíceis da graduação, e por último, mas não menos importante, obrigada Universidade de Brasília por ter sido o fator

determinante para a realização desse sonho tão grande na minha vida que é viver a educação em sua forma mais humana e linda, mesmo frente aos desafios. Eu posso dizer hoje que eu vivi absurdamente esses anos de UnB e aproveitei todas as oportunidades que me foram ofertadas, nunca imaginei estar onde estou, mas sou grata por todo caminho trilhado até aqui e hoje sei que isso é só o começo.

SUMÁRIO

1. Considerações Iniciais	02
2. Alfabetização	03
3. Legislação específica	09
4. Adequações curriculares	12
5. Contextualizando o educando	14
5.2. Avaliação diagnóstica: compreendendo o nível de apropriação do SEA	16
5.3 Análise do Desenvolvimento do educando Murilo	20
6. Considerações finais	29
Referências	31
Apêndices	33

Alfabetização e autismos: desafios e adequações curriculares.

Letícia de Araujo Silva¹
Prof. Dr. Paulo Henrique P. S. De Felipe²

Resumo: O presente artigo irá abordar, sob uma visão pedagógica, estudos e aspectos da relação da alfabetização com os autismos, através da exploração de referenciais bibliográficos e atividades práticas com um educando, com foco em concluir a importância das adequações didático-pedagógicas inclusivas nos espaços educacionais. As fontes utilizadas neste artigo, dar-se-ão de textos pesquisados como Magda Soares (1989, 2006, 2009 e 2020), Artur Moraes (2005), Brian V. Street (2014), Roxane Rojo (2009), entre outros. Além das adequações curriculares discutidas, serão apresentadas problemáticas que giram em torno da aprendizagem na educação inclusiva. Também faço um levantamento bibliográfico a respeito do entendimento dos autores citados acerca dessa temática, e da perspectiva legal prevista nos documentos legislativos e seus impactos na educação especial, além de exemplificar e fundamentar tudo que foi dito a partir de atividades práticas com o educando, em questão. A metodologia do estudo será qualitativa com o objetivo de elucidar a importância de um olhar diferenciado, do professor(a), e mais atento para a educação especial, buscando capacitações específicas para docentes e soluções para vencermos os desafios presentes neste ramo, neste sentido a pesquisa conclui o presente artigo evidenciando a importância das adequações didático-pedagógicas no contexto da educação inclusiva.

Palavras-chave: alfabetização; autismos; educação inclusiva; adequações curriculares.

Abstract: This article will address, from a pedagogical perspective, studies and aspects of the relationship between literacy and autism, through the exploration of bibliographical references and practical activities with a student, with a focus on concluding the importance of curricular adaptations in these educational spaces. The sources used in this article will come from researched texts such as Magda Soares, Artur Gomes, Brian V. Street, Roxane Rojo, among others. In addition to the curricular adaptations discussed, issues that revolve around learning in inclusive education will be presented. The look exposed in this work aims to bring the understanding of the authors about this theme, and the legal perspective foreseen in the legislative documents and their impacts on special education, in addition to exemplifying and substantiating everything that was said from practical activities with the student, in question. The methodology of the study will be qualitative with the aim of elucidating the importance of a differentiated look, of the teacher(a), and more attentive to special education, seeking specific training for teachers and solutions to overcome the challenges present in this branch, in this sense the research concluded this article highlighting the significance of didactic-pedagogical suitability in the context of inclusive education.

¹Graduanda do curso de Pedagogia; este artigo refere-se à apresentação do trabalho de conclusão de curso.

²Professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, do Departamento de Métodos e Técnicas e orientador deste trabalho de conclusão de curso.

Keywords: literacy; autism; inclusive education; curricular adaptations.

1. Considerações Iniciais

Quando pensei que teria que escolher um tema para ser desenvolvido no meu trabalho de conclusão de curso, logo passei a refletir sobre diversas possibilidades. A escolha pelo tema, entretanto, não foi difícil, pois depois de uma breve conversa com meu orientador, resolvi escolher uma temática que me foi sempre muito importante durante a graduação: a alfabetização. Este é um tema versátil e muito abrangente na pedagogia, e, ao longo das experiências que vivi, na prática, percebi como as singularidades de cada aluno em sala torna o processo de aprendizagem heterogêneo, em que cada pessoa tem seu tempo e sua forma de aprender, e então nesse momento o/a professor/a tem que tomar decisões, pautadas nas evidências de aprendizagem apresentadas pela turma de forma individualizada. A partir desse processo, teremos as intervenções pedagógicas, que funcionam visando um aprendizado efetivo. Todas essas etapas são executadas com apoio da equipe de gestão da escola, pois o planejamento tem de ser revisto e adequado, e esse importante passo proporciona um conhecimento integralizado e inclusivo.

Sendo a alfabetização um processo tão único e individual, pensei em abordar essa temática no meu artigo, já que gostaria de poder tratar do tema de forma mais aprofundada. Por isso, neste artigo irei tratar da alfabetização e, sobretudo, da relação entre alfabetização e autismo, ou seja, dos desafios e procedimentos metodológicos e pedagógicos necessários para a alfabetização de crianças autistas. No artigo irei usar o método de pesquisa qualitativo, muito frequente no ramo social, já que o objetivo é concluirmos, a partir de práticas pedagógicas realizadas para este fim, a importância das adequações curriculares no contexto inclusivo e como o olhar preparado de um docente transforma o processo de aprendizagem de forma significativa. Ao longo das atividades na seção 5, do texto, irei descrever o objetivo e o resultado dos exercícios pedagógicos em questão, assim nas considerações finais chegaremos a uma linha de pensamento convergente para documentar que o objetivo do presente artigo foi atingido.

Pretendo no trabalho contextualizar o autismo, a fim de trazer reflexões acerca das individualidades e adequações possíveis para trabalhar com tais necessidades, que exigem uma atenção diferenciada quanto ao seu saber e que proporcionam grandes aprendizados para nós,

como docentes. A partir da minha observação, ao longo dos meus estágios e emprego de auxiliar de classe/turma, pude vivenciar e amadurecer profissionalmente, entendendo que este era um tema de interesse para estudos mais aprofundados. O artigo responderá a seguinte questão: “Adequações didático-pedagógicas podem contribuir para uma aprendizagem mais significativa dentro da educação inclusiva?”.

Para alcançarmos os objetivos propostos neste artigo, dividirei o trabalho em 6 partes: na seção 1, irei introduzir a temática, trazendo algumas reflexões sobre e abordando a metodologia que será usada na tópico de pesquisa, na seção 2 irei contextualizar teoricamente o que é a alfabetização e trazendo reflexões acerca dos autismos e de sua relação com a educação; na seção 3, trarei o respaldo legal que existe para a educação especial, principalmente as leis específicas para o Espectro Autista, na seção 4 iremos refletir sobre o que seriam adequações curriculares eficientes para a etapa de aprendizagem da alfabetização; na seção 5, apresentarei minha experiência de campo com a criança autista em questão, os desafios que encontrei e apresentarei, também, alguns exemplos de atividades que desenvolvi com um educando autista, a fim de promover uma aprendizagem significativa. Na última seção, finalizo com as conclusões do trabalho, focando no aprendizado e desenvolvimento percebidos ao longo do trabalho, além de trazer uma reflexão unindo a parte teórica com a prática demonstrada e descrita neste artigo.

2. A Alfabetização

A alfabetização é um processo de aprendizagem, e isso não é novidade para nós que estudamos e vivenciamos isso na prática. Resta-nos perguntar, no entanto, no que consiste essa prática. Ao lermos e estudarmos um pouco, entenderemos que é o aprendizado, por parte da criança, dos conhecimentos básicos necessários aos aprendizados da escrita e da leitura, sendo este um processo que pauta todo o nosso cotidiano e por isso é de suma importância. E com essa afirmativa, entendemos que:

“... convém desde já esclarecer que aqui se entende por *método de alfabetização* um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientem a *aprendizagem inicial da leitura e da escrita*, que é o que comumente se denomina *alfabetização*.” (SOARES, 2016, p. 16).

Quando analisamos a alfabetização, percebemos diversos artifícios e características que

tornam este processo de aprendizagem único e nos evidencia sua importância, assim como também o prolongamento desse caminho até o “saber ler e escrever”. Quando olhamos as evidências de aprendizagem, ou seja, os objetivos que precisam ser alcançados para que este processo de alfabetização se concretize, podemos perceber que a criança precisa desenvolver um conjunto de competências de leitura e escrita, que vão desde sua forma mais simplificada, como a compreensão de palavras globais (como o nome próprio, por exemplo), à estruturas mais complexas, como a compreensão da relação grafofônica, a construção das sílabas, a segmentação das palavras e assim por diante. Por outro lado, enquanto a alfabetização é um processo complexo e que demanda prática de ensino, os letramentos se iniciam mesmo antes da vida pré-escolar da criança. Esses dois processos são complementares, ainda que se distinguem entre si, conforme defende Soares (2020):

“Reconheceu-se, assim, que um conceito restrito de alfabetização que exclua os usos do sistema de escrita é insuficiente diante das muitas e variadas demandas de leitura e de escrita, e que é necessário aliar a alfabetização ao que se denominou *letramento*, entendido como desenvolvimento explícito e sistemático de habilidades e estratégias de leitura e escrita. Em outras palavras, aprender o sistema alfabético de escrita e, contemporaneamente, conhecer e aprender seus usos sociais: ler, interpretar e produzir textos. Não apenas alfabetizar, mas alfabetizar e letrar, **Alfaletrar**.” (SOARES, 2020. p.11-12).

De forma conceitual, o letramento acontece de forma natural ao longo da infância e da vida das crianças (letramentos diversos), envolvendo sobretudo o contexto que a criança está inserida, as formas de compreensão do mundo por si e por aqueles que a rodeiam, e se fundamentam, por isso, no uso social da leitura e da escrita. A alfabetização, por outro lado, é um acesso mais sistematizado ao conhecimento, com a intencionalidade de fazer a criança começar a compreender a língua escrita e leitura, assim como também dominá-las. A este respeito, um conceito importante a se referir é o de alfabetismo, já que ele está ancorado justamente na capacidade de lidar, de forma plena, com a leitura e a escrita, tarefa da alfabetização, mas também com os letramentos, já que os usos sociais de leitura e escrita precisam ser conscientes e determinados.

“Já o *alfabetismo* é um conceito bastante complexo, sócio-historicamente determinado. Complexo, em primeiro lugar, porque envolve tanto as capacidades de leitura como as de escritas. Em segundo lugar, essas capacidades são múltiplas e variadas. Para ler não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras em sons da fala. É preciso compreender o que se lê, isto é acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar), prever, inferir, comparar informações, generalizar.” (ROJO, 2009. Pág. 10-11).

Fica evidente, por isso, a complexidade de alfabetizar uma criança, afinal essa aprendizagem inclui tantas variantes que transforma o processo em algo extremamente sistematizado, contextualizado e variado.

“Por outro lado, o aprendizado da técnica só fará sentido se ele se fizer em situações sociais que propiciem práticas de uso. Não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la, afirma Soares. Nesse sentido, o uso social é que dá sentido ao domínio da técnica.” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005. Pág. 13).

Se refletirmos sobre o que seria alguém alfabetizado, chegaremos a conclusão que seria um ser humano que consegue discernir e desenvolver os aprendizados da língua de forma técnica e social, e automaticamente da leitura e escrita, porque o processo completo de se relacionar está concentrado/baseado, principalmente, nessas duas competências, e a partir dessa perspectiva apresentada que podemos pensar o funcionamento do processo de alfabetização. Como afirma Roxane Rojo: “Além disso, o que se define como *alfabetismo* muda de uma época para outra, porque essas definições refletem as mudanças sociais.” (ROJO, 2009. Pág. 11).

O processo de alfabetização, além de envolver meios pedagógicos, também envolve os nossos sentidos da audição, da visão e da fala, ou seja, meios físicos e isso é algo muito interessante de percebermos. O primeiro momento da aprendizagem do alfabeto acontece, geralmente, quando a criança começa a identificar as letras e conseguir ordenar, e isso provavelmente acontecerá nos anos iniciais do ensino fundamental, quando se inicia a alfabetização, tendo início por volta dos 6 anos. Este processo precisa ter lugar de destaque nas práticas pedagógicas nos três primeiros anos do ensino fundamental, e deve ocorrer, de forma esperada, até o segundo ano, de acordo com as novas diretrizes curriculares nacionais.

“A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever” (BRASIL, 2017).

Essa parte mais sistematizada do aprendizado da língua, que consiste em aprender integralmente o processo de ler e escrever por parte da criança, exige que o docente desenvolva atividades pedagógicas adequadas, como a leitura e a contação de histórias, a fim de criar dinâmicas que permitam à criança a compreensão sobre as letras do alfabeto, a escrita de frases curtas, a entender o que diz nas frases e conseguir contextualizá-las, e mesmo a juntar letras até chegar a formação de sílabas e por fim nas palavras em si, respeitando, claro, as especificidades

de cada método de alfabetização (analíticos ou sintéticos).

A alfabetização se difere do processo de letramento em alguns aspectos, porém juntos eles se complementam e são fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem. Quando falamos sobre problematizar uma situação, focamos em trazer à tona o que precisa ser revisto, reorganizado e repensado para um melhor aproveitamento daquilo que está sendo ofertado. Quando pensamos no âmbito da educação, nossa perspectiva deve ser muito mais abrangente e ampla, focando não só nas objetividades que conhecemos, naquilo que podemos dizer ser “clichê”, mas, também, nas subjetividades que muitas vezes não são citadas com frequência.

Falar das dificuldades envolvidas em um processo de alfabetização não é simples, afinal há diversas características que envolvem a criança e essa etapa de sua vida, como por exemplo a cobrança da escola sob o aluno visando um desenvolvimento vazio e em tempo recorde, o que acarreta uma pressão, impedindo, muitas vezes, que os professores tenham um trabalho de excelência e com autonomia didática.

No Brasil, as políticas públicas de educação visam cada dia mais diminuir as desigualdades ao longo desse processo, pois por sermos um país grande em extensão territorial, com diversas áreas de difícil acesso, principalmente docente, ou seja, sem educação de qualidade, as diferenças sociais acabam refletindo em um contexto pedagógico com um agravamento do analfabetismo, principalmente diante de um contexto pandêmico vivenciado, que aprofundou os abismos educacionais, já que muitas escolas não tinham estrutura para manter o ensino remoto corretamente/dignamente, e tivemos um índice de evasão escolar assustador, como diz na reportagem do G1 de 02 de dezembro de 2021, que expõe um aumento de 171% na evasão escolar entre crianças e adolescentes ao longo da pandemia, de acordo com estudos realizados.

Alfabetizar não envolve somente o âmbito educacional, engloba também os fatores sociais e contexto dos mais diversos, como emocionais e psicológicos, familiar etc., e de forma simples também a capacitação docente, professores que devem ser atualizados buscando sempre sua melhor versão de trabalhar, isso inclui adequar planejamento, revisar material didático anualmente, ter perspectiva lúdica e prática ao longo desse processo de ensino aprendizagem, e compreender as individualidades dentro de sala de aula, sendo um ambiente seguro e inclusivo para o desenvolvimento pleno da criança, como futuros cidadãos.

Quando falamos de educação inclusiva, temos um campo de estudo gigante para pensar e dialogar. A perspectiva que se tem quando não se aprofunda no assunto é a de que a questão

talvez seja simples de se resolver, como, por exemplo, por meio da criação de classes especiais. No entanto, a partir do momento que nos propomos a enxergar o outro como sujeito em todas as suas singularidades e de forma plural, entendemos quão profundo e complexo é tratar do ensino inclusivo e da inclusão. Neste processo é importante entendermos, no caso do Espectro Autista, principalmente, a importância do laço social, isso constitui o indivíduo, afinal somos seres sociáveis, vivemos em sociedade e estabelecemos relacionamentos a partir disso. Por isso como docentes, temos que buscar sempre estabelecer, facilitar, promover e fortalecer laços sociais, principalmente para pessoas com TEA, já que é um desafio enfrentado frente ao Espectro.

“E neste processo de alfabetização, cada criança aprende de uma forma diferente, sendo que este também se aplica às pessoas com deficiências. Elas aprendem de acordo com suas singularidades, ou seja, cada criança apresenta características próprias como resposta ao processo ensino - aprendizagem. Dessa forma, as diferentes deficiências exigem práticas pedagógicas especiais próprias, de acordo com suas necessidades e potencialidades.” (CAPELLINI; SHIBUKAWA; DE OLIVEIRA RINALDO. 2016. p. 87).

A educação inclusiva não trata simplesmente de “jogar” o aluno em uma sala de ensino regular, afinal temos que ter um preparo da escola e do corpo docente. Por exemplo, ao receber um aluno com limitações de locomoção, teremos que fazer algumas adaptações estruturais na escola. É assim também no caso do autismo, é necessário proporcionar a esse aluno um ensino pedagogicamente adaptado.

“Há uma gama de possibilidades de se efetivar o processo de ensino e aprendizagem das pessoas com TEA a partir da flexibilização do currículo escolar, considerando a acessibilidade como um dos princípios fundantes de uma escola inclusiva.” (LIMA, 2022. P. 89)

Crianças autistas têm comportamentos atípicos, que podem se manifestar nos vários sentidos, como por exemplo a dificuldade de falar, ou até mesmo não conseguir se comunicar, como é o caso de autistas não-verbais; a sensibilidade luminosa e sonora, etc. Temos, também, dentro do Espectro diversas classificações e características, ou seja, um grupo bem heterogêneo. Por isso, cada estudante terá especificidades próprias e reagirá de uma forma em relação aos processos educacionais, mesmo possuindo o mesmo diagnóstico. Cabe a nós, como profissionais educacionais, entender e saber lidar com as peculiaridades desse laudo.

“Segundo Schmidt (2013; 2012), o autismo começa a ser visto como um espectro de condições variáveis, com múltiplas especificidades clínicas individuais. Nesse contexto, o “espectro”, especificamente, refere-se a um conjunto de diferentes manifestações, condições, que envolvem os domínios: social, da linguagem e comunicação; do comportamento, considerada uma tríade de alterações do desenvolvimento, que é única para cada sujeito com TEA”. (LIMA, 2018. P. 76-77)

O autismo se divide em classificações, de acordo com a Associação Americana de

Psiquiatria (APA), através da quinta edição do DSM³ (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), mais especificamente em graus, temos:

nível 1 - necessita de pouco apoio (conhecido como leve).

nível 2 necessita de apoio substancial (moderado).

nível 3 necessita de muito apoio substancial (severo).

Diante disso, quanto maior o grau ou nível, mais difícil será a socialização, comunicação (dificuldade na fala, por exemplo) e desenvolvimento da coordenação motora, precisando assim de um tratamento e acompanhamento multidisciplinar maior e mais específico. Há, também, alguns tipos de autismos, pois dentro desta classificação ou CID 11 (Classificação Internacional de Doenças) como é conhecido no meio médico, podemos dizer que temos: Autismo infantil, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno Invasivo de Desenvolvimento Sem Definição Específica. Sendo que, a Síndrome de Asperger passou a ser classificada como Autismo nível 1, a partir da publicação do DSM-5- TR (2023). Além desses meios de classificações médico-científicas, temos o CIF (Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde. 2004), que está centrado em um contexto social de pesquisas médicas, este documento guiará intervenções em diversas áreas, como terapia ocupacional, fonoaudiologia etc.

Diante dessas afirmações, começamos a entender quão profundo e sério é nosso papel em sala de aula. O despreparo por parte da escola em receber o aluno, a defasagem na formação de professores capacitados em educação inclusiva e, principalmente, a falta de adequações curriculares seja no material didático, aulas ou atividades são, ainda hoje, grandes entraves para a promoção de uma educação inclusiva de qualidade.

Na seara da alfabetização, como o autismo se caracteriza por distúrbios neurobiológicos que afetam diretamente a socialização do indivíduo, sua comunicação e coordenação motora, o processo de aprendizagem enfrentará desafios. O estudante autista em processo de alfabetização, processo este que exige a compreensão e sistematização de um conjunto de métodos e técnicas muitas vezes pouco motivados, enfrentará uma série de dificuldades. Por isso, a necessidade de adequações educacionais, respeitando as especificidades de cada um desses estudantes.

³ Neurocognitive disorders supplement.

3. Legislação da educação especial

Sabemos que muitos documentos oficiais organizam a educação especial, é superimportante, por isso, antes de começarmos a pensar em formas para envolver os estudantes nas aulas, que pensemos no planejamento, ou seja, temos que pesquisar e estudar toda documentação que garante o direito da educação aos estudantes com necessidades específicas, e um destes é o currículo em movimento do Distrito Federal. Por isso, é de suma importância a leitura deste apoio para professores, já que nele terão algumas informações sobre como a educação deve se enquadrar perante um aluno com TEA (transtorno do espectro autista), por exemplo, além de sugestões de trabalhos com alunos com necessidades educacionais específicas diversas.

“No cenário atual da educação inclusiva, a criação de leis e políticas públicas constitui um verdadeiro avanço na democracia brasileira, ao trazer contribuições para a inclusão social e escolar da pessoa com TEA (BRASIL, 2012, 2015).” (LIMA, 2022. P. 91)

O currículo em movimento, como diz em seu próprio nome, está em constante movimento, assim está em permanente construção, por este motivo podemos encontrar nele diversas informações sempre atualizadas as quais ditam como lidar, adequar e planejar, mas claro que temos que citar neste momento o quanto a teoria é diferente da prática. Sendo assim, se torna uma parte fundamental, para desenvolvermos nossa prática pedagógica, estudar este material oficial, porém não unicamente contar com ele, precisamos nos aprofundar em outras diversas bibliografias para nos construirmos como docentes preparados e flexíveis as especificidades aos nossos alunos.

Assim, estes documentos nos auxiliarão até mesmo no que antecede a nossa aula, como o planejamento. Em um tópico específico do currículo em movimento, conseguimos identificar possibilidades inclusivas para facilitar nosso trabalho e construção do planejamento escolar, mostrando práticas atuais (sala de recursos, professor preparado, aluno com necessidades específicas em classe regular, instituição do Plano de atendimento educacional individualizado (PEI), etc.) que destoam da proposta tradicional que visava a inclusão, mas acentuava ainda mais as desigualdades, como: sala de aula separadas, sistema de avaliações precário e indefinido, além de planejamento difuso que inviabilizava a aplicação de métodos concretos inclusivos, só enfatizando ainda mais as desigualdades educacionais para alunos com necessidades específicas.

Este tópico sobre a dimensão curricular e a perspectiva inclusiva pode ser encontrado na

página 18, sendo extremamente detalhado e informativo, facilitando o processo de elaboração de um plano de aula específico a cada necessidade específica, contando com as individualidades de cada aluno. Assim diz o currículo em movimento da educação básica, edição educação especial:

“A expectativa de uma dimensão curricular para a Educação Especial é dar sentido ao pensar e ao fazer pedagógico comprometido com o ensino de qualidade e com a perspectiva de acolhimento e respeito às diversidades.” (Pág. 18, 2014)

Este documento também nos pondera quais são os três eixos estratégicos da educação em sua forma mais inclusiva, visando uma adequação a todas as necessidades do aluno, sendo assim, são eles: institucionalização, financiamento (aqui se enquadra o fornecimento de uma infraestrutura focada nas necessidades específicas de determinados estudantes, ou seja, um ambiente propício para atender as demandas dos mesmos) e orientação para a formação de estratégias pedagógicas inclusivas.

“O alinhamento da política de educação inclusiva dos sistemas de ensino dos Estados, Municípios e do Distrito Federal, orientado pelo Ministério da Educação, fundamenta-se em três eixos estratégicos: institucionalização, financiamento (adaptações do espaço físico, materiais, mobiliário, equipamentos e sistemas de comunicação alternativos) e orientações das práticas pedagógicas inclusivas. Como organizador do terceiro eixo tem-se o currículo escolar, compreendido como instrumento essencial para a escola orientar-se na implementação e bom desempenho dos aprendizados inclusivos.” (Pág. 8, 2014)

O currículo visa abranger as diversidades da comunidade escolar e assim também guiar para que o docente atenda de forma correta essas demandas. Quando pensamos em outros marcos legais que garantem o direito de educação a todos, podemos citar também o artigo 205 da Constituição Federal que visa o desenvolvimento pleno do cidadão, ou seja, para se chegar a isso a educação é o meio e deve ser ofertada a todos sem distinção de qualquer tipo.

“Toda a diversidade humana presente na escola tem o direito à educação de qualidade, e esta incide “no aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena” (BRASIL, 2015, p. 18).” (LIMA, 2022. P. 91).

O artigo 206 (CF/88), inciso I, também cita artifícios que buscam promover a igualdade de acesso ao ensino, seja ele convencional ou adaptado, e, por fim, mas não somente, afinal temos outras diversas leis e declarações que promovem um ensino inclusivo, o artigo 108 (CF/88), inciso V, que viabiliza o ensino superior ou a importância da educação em níveis mais

elevados de ensino, como é citado na página 12 do currículo em movimento:

“Em seu artigo 205, garante o direito de todos à educação, visando ao “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. No artigo 206, inciso I, prevê a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola”, e, finalmente, em seu artigo 208, inciso V, estabelece que o “dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de acesso a níveis mais elevados de ensino, de pesquisa e de criação artística, segundo a capacidade de cada um”.” (BRASIL, 2014)

Algo interessante para pensarmos e nos aprofundarmos é na implementação do AEE (atendimento educacional especializado), uma estratégia muito boa que consta no projeto político pedagógico da escola (PPP), pois visa incluir a família na construção dos saberes do aluno. Este plano de atendimento busca viabilizar o ensino de forma mais específica e direcionada, um exemplo desta política é a sala de recursos, mas não temos somente este modelo podendo assim esta estratégia ser inserida na política da escola de outras formas.

Fato importante para a educação de alunos com autismo foi a criação e promulgação da lei nº 12.764/ 2012, que em sua vigência institui a Política de Proteção de Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, sendo assim um ganho para todas as pessoas com essa necessidade específicas. Os artigos e incisos desta Lei instituem o TEA como deficiência formalizando algumas especificidades para este transtorno, ao longo deste documento oficial, como algumas diretrizes, direitos etc.

Dentro desse aspecto legal da educação inclusiva, há diretrizes nacionais e mundiais que são importantes marcos, como: convenção da ONU sobre o direito das pessoas com deficiência (2006), política nacional da pessoa com deficiência (2010), lei 13.146/2015 (Estatuto da pessoa com deficiência) etc. No âmbito distrital, temos: lei 2.698/2001 (atendimento especializado aos alunos portadores de deficiência), lei 4.317/2009 (implementa a Política Distrital para integração da pessoa com deficiência), orientações pedagógicas da educação especial (2010), lei 6.637/2020 (Estatuto da Pessoa com Deficiência do Distrito Federal) etc.

Outro importante fato que vem crescendo no Brasil são vagas exclusivas para pessoas com necessidades específicas, exclusividade e preferências em filas de supermercado e outros departamentos, até mesmo em aeroportos, isso é algo que facilita o dia a dia dessas pessoas que têm essa singularidade, possibilitando mais inclusão e conforto para a socialização de pessoas com Espectro Autistas.

Algo que muda também a educação de autistas é a publicação do dia mundial da conscientização sobre o autismo, que foi determinado pela Organização da Nações Unidas

(ONU) em 18 de dezembro de 2007. O dia 02 de abril ficou marcado no ano e separado para a conscientização sobre o Autismo. Tamanho acontecimento é um ganho e tanto para a comunidade, afinal traz consigo uma representatividade e atenção exclusiva ao Espectro Autista e isso muda a forma como as pessoas enxergam a necessidade de adequações na educação e no meio social para que a inclusão ocorra de forma plena. Pelo portal do ministério da saúde podemos ler que a data tem como objetivo informar, reduzir a descriminalização e o preconceito, através do próprio site temos diversas informações sobre o diagnóstico de forma bem sistematizada, alertando a respeito das características mais comuns e possíveis tratamentos, outros informativos interessantes como as comorbidades que podem vir junto do transtorno, também são descritas as intervenções psicossociais baseadas em evidências como fundamentais para o desenvolvimento da pessoa com TEA, além de apontar que essas intervenções devem estar pautadas em atitudes para que o ambiente de desenvolvimento dessas crianças sejam sempre acessíveis, acolhedores e inclusivos.

Para finalizar este tópico que informa sobre a fundamentação e estruturação legal toda a educação inclusiva, estando prioritariamente focado neste presente artigo o Transtorno do Espectro Autista, o currículo em movimento cita a flexibilização curricular como chave. Faz-se necessária, para a educação especial, afinal não iremos trabalhar com padrões, que cada aluno seja respeitado em relação a sua bagagem educacional, experiências e vivências pessoais que influenciam seu aprendizado e perspectiva diante dos desafios educacionais. Na educação especial, além das individualidades que temos em um ensino regular convencional, podemos citar também as particularidades de cada necessidade específica que necessita de atenção, apoio e estratégias específicas para que tenhamos um bom rendimento do nosso aluno.

“Diferenciar o ensino é desenvolver uma gestão flexível de currículo em que adequações curriculares, currículos alternativos ou funcionais sejam previstos. As adequações curriculares, de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), podem ser compreendidas como: “[...] estratégias e critérios de situação docente, admitindo decisões que oportunizam adequar a ação educativa escolar às maneiras peculiares de aprendizagem dos alunos, considerando que o processo de ensino-aprendizagem pressupõe atender à diversificação de necessidades dos alunos na escola” (BRASIL,1998, p.15).” (pág. 24, 2014).

4. Adequações curriculares

Ao pensarmos em estratégias para a inclusão e pleno desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista), doravante TEA, podemos elaborar uma sequência lógica para

que consigamos atingir nosso objetivo. Diante disso, neste tópico irei abordar algumas possibilidades de adequações que podem ser aplicadas visando a inclusão destes estudantes, assim como também irei trazer algumas sínteses sobre o processo para se chegar até a estratégia adequada para cada tipo de aluno.

Quando pesquisamos o que é o Transtorno do Espectro Autista, enxergamos a diversidade, como já citado nos tópicos anteriores. Cada grau de autismo revela peculiaridades novas, diferentes e únicas, então para traçarmos estratégias para trabalharmos com um aluno com essa necessidade específica, primeiro devemos entender quem é este aluno, o grau que ele tem dentro do Espectro e as características comportamentais dele, assim como o ambiente escolar e até contexto familiar em que se ele encontra. Para isso ocorrer, temos que iniciar uma avaliação diagnóstica com o educando, a partir da observação e também partindo de uma avaliação formativa. Eu preferi, ao trabalhar com um estudante autista, em desenvolver estratégias que foram evoluindo à medida que íamos verificando, também, em que nível da aprendizagem ele estava e tudo ocorreu de forma natural, sem formalizar que era uma avaliação, evitando assim o sentimento de insegurança na criança e até mesmo eliminando gatilhos que geram ansiedade.

Diante disso, a partir da aplicação de testes adaptados de diagnósticos de nível de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), a exemplo daqueles propostos na Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985), busquei identificar em que fase de apropriação do SEA a criança com a qual trabalhei estava, ou seja, o nível que consiste em classificar o aluno em: pré-silábico, silábico, silábico com ou sem valor sonoro, silábico-alfabético e alfabético. Após este processo, pude então começar a elaborar estratégias para aprimorar seus aprendizados e observar a evolução do aluno.

O passo a passo para se desenvolver uma estratégia educacional começa com a seleção de conteúdos que este aluno tem que aprender dentro do período da alfabetização. Depois precisamos pensar nas metodologias que usaremos ao longo deste processo, como: didática, tempo, espaço e recursos pedagógicos (neste ponto, podemos citar o AEE e o PEI – estes elementos estratégicos usados na educação inclusiva tem por objetivo ofertar ao estudante com necessidades específicas um atendimento e um plano de aula individualizados). Após esta seleção, ainda teremos um longo caminho para estruturar as adequações, e neste ponto entra o tipo de avaliação que será usada para formalizar o nível de aprendizagem do aluno, dentre as opções, temos: diagnóstica, processual e formativa, sabendo que o que determina o tipo de

avaliação é seu objetivo final e não o instrumento de avaliação. Por isso, podemos fazer desta etapa do processo algo divertido, não só um processo sistematizado e institucional, afinal podemos avaliar o aluno de diversas formas. Neste aspecto, devemos evidenciar a importância do processo articular com o campo social da educação, assim as adequações devem procurar sanar as dificuldades apresentadas em sala de aula, não só de alunos com necessidades específicas, mas de todos aqueles que necessitem de adequações didático-pedagógicas para que o aprendizado seja efetivo.

Quando o assunto é TEA, podemos imaginar algumas técnicas e estratégias, dentre elas o principal objetivo deve ser tornar o currículo/planejamento atraente para o aluno contendo assim dinamicidade nas atividades, sendo aspectos como - organização da sala, uso de material visual, construção de portfólios e de materiais adequados - fatores fundamentais para viabilizar e promover a inclusão no ensino, de alunos autistas. E como base legal que garante o direito a adequação curricular, temos a Lei Distrital 6.637 de 2020:

“CAPÍTULO IV – DA EDUCAÇÃO:

Art. 31 – Fica assegurado o sistema educacional inclusivo em todos os níveis, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida, como meio de efetivar o direito das pessoas com deficiência à educação sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades.

Art. 32 – É dever dos Distrito Federal, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade às pessoas com deficiência, colocando-as a salvo de toda forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão escolar.” (BRASIL, 2020)

Sendo assim, ao pensarmos em adequações, devemos ser conhecedores de todo o processo desde a adequação do currículo até o atendimento ao aluno de forma especializada e individualizada, pensando nas necessidades que cada um deles terá ao longo do processo, e envolvendo a família como suporte de apoio para uma aprendizagem e evolução eficazes. Vejamos, na subseção seguinte, algumas estratégias das quais lancei mão para o trabalho realizado.

5. Contextualizando a Pesquisa

Para fundamentarmos este trabalho acadêmico, decidi trazer uma aplicabilidade dentro do que já foi abordado teoricamente. Com isso, estive ao longo da construção deste artigo trabalhando com um aluno autista buscando assim entender e estruturar da forma mais prática possível esta discussão, e por este motivo iremos neste ponto entender um pouco da dinâmica

de sala de aula que vivenciei, as atividades com adequações que levei para este aluno dentro de suas especificidades e necessidades, assim como também sua evolução ao longo do processo, ponderando ao final minhas considerações sobre todo o trabalho desenvolvido com o educando⁴.

Meu primeiro contato com o Murilo foi em janeiro de 2023, porque trabalhava como auxiliar bilíngue em uma escola particular em Vicente Pires na qual o aluno é vinculado e exerce suas atividades educacionais. Para ambientá-los um pouco sobre a escola, irei descrever de forma sucinta a infraestrutura e o corpo docente. A escola dispõe de duas modalidades de ensino: o integral e o de meio período; como já sabemos, no turno integral a criança faz todas as refeições, tarefas de casa e até momentos de descanso e lazer no ambiente escolar. Como estudante de pedagogia, percebi que a disposição deles de espaço, mesmo sendo simples e uma escola de pequeno porte, tem uma política de escola sociointeracionista bem interessante, em que as crianças possuem muita liberdade e protagonismo tanto nas atividades de cunho pedagógico, como nas de contraturno.

Depois de evidenciarmos essas características, podemos pensar na disposição da escola, que contém 7 salas, 1 refeitório, 4 banheiros, 3 trocadores e locais de banho, 2 parquinhos e um cercadinho para bebês, porque lá também é oferecido o serviço que abrange a modalidade de berçário. O estudante autista fica na sala do Jardim II, em que a faixa etária deles é, em geral, de 5 anos, e o aluno em questão tem 5 anos e se encontra na fase intitulada pela escola como pré-alfabetização, a turma é constituída por 28 alunos, no total. De acordo com a política e a cultura da escola, neste período os alunos são preparados para o início da alfabetização, que geralmente acontece nos anos iniciais, sendo assim as atividades desenvolvidas neste período tem o cunho de trazer o conhecimento de diferenciação de números e letras, aprender a escrever o nome e sobrenome, entender a diferença entre letras cursivas e de forma, aprender continhas simples da matemática básica, como: soma e subtração etc.

É preciso, ainda, descrever o comportamento do Murilo e tudo que observei ao longo do processo, para podermos então começar a documentar o trabalho que foi desenvolvido com ele. Para iniciarmos esta caracterização, busquei entender quem era o aluno. Como já mencionado, ele tem 5 anos e está na fase de pré-alfabetização, está diagnosticado dentro do Espectro Autista laudado em nível 1, necessitando de apoio, mas não substancial, sendo assim

⁴ O termo autorizando o uso de imagem, assinado pelos responsáveis do aluno, está disponível ao final do artigo em apêndices.

com um direcionamento maior do docente e um olhar mais atento da assistente de sala, ele já consegue executar de forma correta as atividades propostas. Ele convive com a mãe e o pai, um aluno muito bem assistido pela família toda, eles são muito presentes e envolvidos no processo de aprendizagem do aluno, além de serem bem engajados no assunto e estudos a respeito do tema. Ele fica na escola no período integral, chegando no período da manhã por volta das 10 horas (contraturno) e indo embora às 17h30 (turno regular). Ele tem um comportamento acelerado, não gosta muito de permanecer sentado e ama brincar com os amigos (ele interage muito bem com o ambiente escolar, com os coleguinhas e com a equipe pedagógica), mas a partir das 16 horas ele intensifica seu comportamento, ficando mais nervoso, começa a gritar e até mesmo brigar com as professoras e não realiza mais nenhuma atividade, também. Porém, eu percebi um padrão neste comportamento, o estudante fica assim, porque é uma sala que possui muitos alunos e a maioria fala alto, assim como também não ficam parados, então às 16 horas quando começa a escovação de dentes da turma, o Jardim II fique bem mais barulhento do que já é. O aluno como apresenta sensibilidade a sons e barulhos muito altos, altera seu comportamento neste período ficando mais agitado, afinal é somente um reflexo do que ele está sentindo diante do cenário da turma.

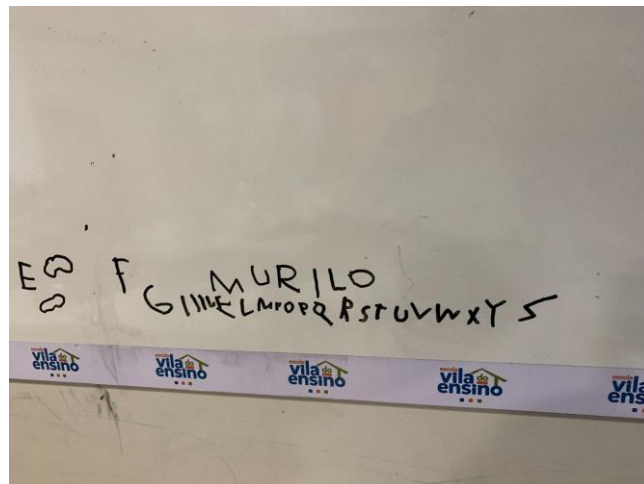
Na subseção seguinte, irei apresentar os testes que realizei com o estudante, a fim de verificar qual era o nível dele de apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA).

5.1 Avaliação diagnóstica: compreendendo o nível de apropriação do SEA

Para darmos início ao trabalho com o educando, precisava partir do nível que ele se encontrava na pré-alfabetização. Para entender o processo do aluno em relação à apropriação do SEA, apliquei uma avaliação formativa com o intuito de diagnosticar em qual nível, com base na teoria da Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1989), o aluno se enquadra em termos de leitura e escrita. O modelo de avaliação utilizado não tem valor somativo, e é aplicado de forma natural e progressiva, deixando o aluno como protagonista, para entender melhor a fase dele e no que eu poderia ajudá-lo. Porém, mesmo sendo formativa, o objetivo era diagnosticar, sendo classificada então como avaliação da psicogênese ou também avaliação diagnóstica. Para iniciar, analisei de que conteúdos e temáticas ele gostava e trabalhei atividades lúdicas como jogos, pintura e desenho para tornar o aprendizado atraente para ele. Não possível desenvolver, com o Murilo, um teste clássico de psicogênese, justamente porque

ele precisava de um contexto mais diversificado de aprendizagem. O teste clássico, em que a criança realiza tarefas por meio de comandos do professor, não funcionaria com o estudante, que tem dificuldades para realizar atividades desta natureza.

Iniciei a adaptação do teste de psicogênese, por isso, com uma atividade no quadro branco, exemplificada pela figura 1 logo abaixo em acervo pessoal, a fim de entender se ele sabia diferenciar número e letra. Ele conseguiu distinguir e ainda escreveu o alfabeto todo na ordem, falando “letrinha por lettrinha” em voz alta. Em alguns momentos, ele travava e precisava de tempo para pensar e continuar; em um outro momento, perguntei se ele sabia escrever o nome e ele perfeitamente escreveu em caixa alta (letra de forma) seu primeiro nome, então conclui que ele tem o conhecimento de algumas palavras globais. Vejamos a figura abaixo:



Figuras 1.

acervo pessoal – 2023

Após esta primeira atividade, realizei uma segunda atividade com o alfabeto móvel, figura 2, abaixo. Nesta, ele não conseguiu seguir a ordem alfabética e foi então que conclui que ele tinha decorado as letras em seus respectivos lugares na primeira atividade, mas na hora que embaralhamos, ele não sabia por onde iniciar, porque foi somente memorizado sem um real aprendizado. Ele não soube dizer qual era a primeira letra do alfabeto, porém depois do meu auxílio dando as opções de letras A e B, ele ficou em dúvida. Logo após uns minutinhos conseguiu iniciar com a letra correta, porém logo depois ele se perdeu e foi assim durante o restante da atividade. Somente em um momento que, pelo som similar, percebi que ele soube rapidamente a sequência correta, ele colocou o M e depois o N, repetindo os sons e colocando na ordem certa. Logo após, o educando se perdeu na sequência alfabética novamente. Isto

evidencia que o Murilo ainda tem dificuldades em compreender a sequência das letras, o que é comum mesmo para crianças silábicas.



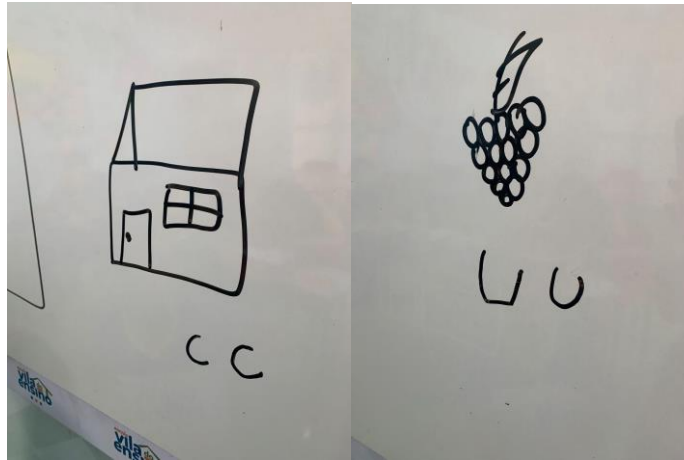
Figura 2

acervo pessoal - 2023

No dia 10 de maio, realizamos uma atividade em que andei pela sala mostrando algumas imagens de objetos e depois fomos ao quadro, porque é o jeito preferido dele realizar atividades, e isso o deixa bem entretido e animado. No quadro, fizemos o desenho de um objeto já visto por nós previamente e então eu dava o comando para ele, dizendo para escrever a palavrinha que indicasse o objeto desenhado. Após juntamente falarmos o objeto correspondente, eu fazia a separação silábica devagar com ele e depois o induzia a escrever como achasse que era a palavrinha, e como veremos nas imagens, figuras 3 e 4, ele associou a cada som da sílaba uma letra. Sendo assim, conclui que ele está dentro do nível silábico, pois ele sabe diferenciar número de letras, e associa o som da sílaba com a grafia (registro gráfico), ou seja, representa para cada sílaba uma letra, no caso repetindo a letra inicial da palavra (algo comum nesta etapa de aprendizagem). Como vemos, além de representar uma sílaba por letra, típico caso de estudante em fase silábica, ele já tem uma prévia consciência fonológica, afinal ele entende que a palavra tem 2 sílabas, 3 sílabas, etc., e representa isso com a letra em questão, de forma quantitativa, pois exemplifica a quantidade de sílabas presente na palavra, mas, também, de forma qualitativa, porque a letra escolhida corresponde realmente ao som inicial da sílaba referente. Fica claro, assim, que trata-se de um estudante silábico com valor sonoro (ou qualitativo). A exemplo do que dizem Morais, Albuquerque e Leal:

“No entanto, eles desenvolveram a hipótese de que a quantidade de letras a ser grafada corresponde à quantidade de segmentos silábicos pronunciados. Sendo assim,

quando desejam escrever, os alunos o fazem utilizando uma letra para cada sílaba presente na palavra.” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005. Pág. 53).

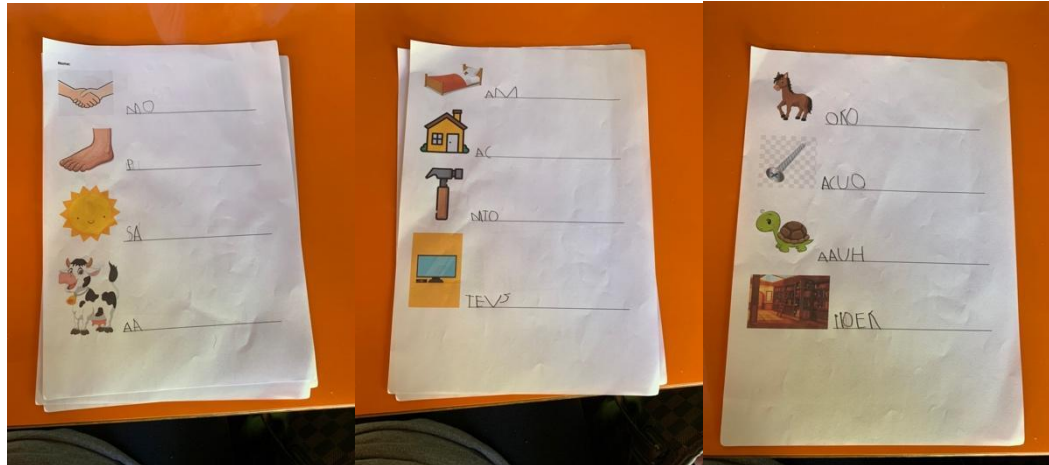


Figuras 3 e 4, respectivamente.
acervo pessoal – 2023

A partir deste entendimento silábico do aluno (percebido pelas atividades diagnósticas), identificamos a relação sonora com o registro gráfico feito, ou seja, a letra que representa a sílaba, neste caso, tem correspondência com o som, também. Assim então, classificaremos o educando como silábico com valor sonoro.

“nesta fase, os alunos podem, inicialmente, preocupar-se apenas com o aspecto quantitativo, marcando uma letra qualquer para representar cada sílaba da palavra, o que corresponde a um estágio silábico de quantidade. À medida que começam a utilizar, na escrita das sílabas das palavras, letras que possuem uma correspondência com os sons representados, eles entram na fase silábica de qualidade. Segundo Leal (2004), é possível que alguns alunos, ao ingressar na hipótese silábica, já o façam através de uma análise qualitativa (silábico de qualidade)” (MORAIS, 2009. Pág. 54)

Para concluirmos nossa avaliação diagnóstica, comprovando em que nível da alfabetização o Murilo está e para que pudéssemos planejar futuras atividades de desenvolvimento para o processo de aprendizagem dele, fizemos a atividade abaixo, Figuras 5-7, com o objetivo de confirmar a hipótese silábica com valor sonoro, já observada em situações anteriores. Nesta atividade, apresentamos um conjunto de 12 palavras das 4 classes silábicas (monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas) para averiguarmos a questão da associação sonora ou não da sílaba de cada uma das palavras apresentada. Esta atividade se aproxima mais do que os testes de psicogênese clássicos costumam realizar. De acordo com o que observamos, confirmei a hipótese silábica com valor sonoro, já que o educando escreve uma letra para cada sílaba tendo correspondência sonora com o som inicial da palavra.



Figuras 5, 6 e 7, respectivamente.

acervo pessoal - 2023

“À medida que passam a escrever um grafema para cada sílaba, os alunos começam a vivenciar alguns conflitos e vão criando novas hipóteses, como a de que existe uma quantidade mínima de letras para escrever. Nesse caso, palavras monossílabas e dissílabas precisariam ser escritas com, no mínimo, três letras.” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005. Pág. 53)

Fica evidente, portanto, com base na análise do comportamento de leitura e escrita, relevada por meio da aplicação de exercícios pedagógicos, que o Murilo é uma criança silábica com valor sonoro. Nas seções seguintes, irei mostrar exemplos de atividades de alfabetização que desenvolvi com ele, partindo do nível silábico em que ele se encontra.

5.2 Análise do Desenvolvimento do educando Murilo

Frente ao diagnóstico, vamos observar o desenvolvimento das atividades do aluno Murilo e as observações referentes ao educando em questão. Para tanto, desenvolvi um conjunto de atividades que pudessem auxiliar na alfabetização do Murilo.

Na primeira delas, realizada no dia 10 de maio, elaborei uma nuvem de palavras, visando compreender os processos de letramentos e conhecimento de palavras do Murilo. Por isso, escrevi no quadro branco as seguintes palavras: Murilo (que é o nome dele), papai, mamãe e casa (pela reincidência com que ele repete essas palavras em sala), e por último o nome da professora regente, Luciana, e o meu (auxiliar bilíngue). Este exercício tinha como objetivo entender o repertório de palavras do Murilo, entender que palavras e até mesmo letras ele reconhecia automaticamente e, para minha surpresa, ele reconheceu três das seis palavras escritas, conforme figura 8.

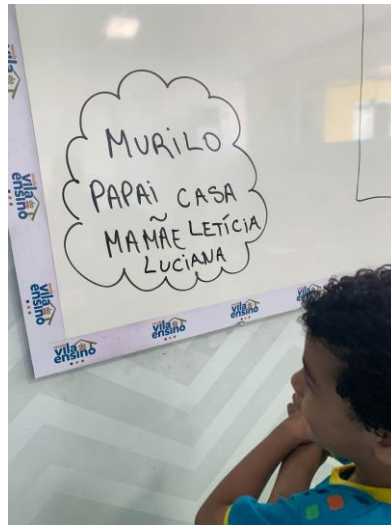
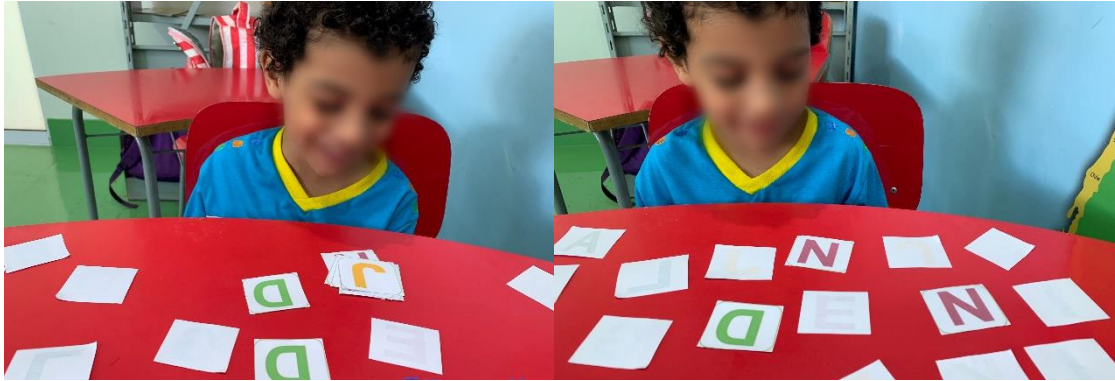


Figura 8
acervo pessoal – 2023

No início da atividade, de primeira ele reconheceu seu nome como já era esperado, afinal é uma palavra que ele escreve com bastante frequência e como percebemos ele é um aluno bom de memória fotográfica, então pela repetição e por ser uma palavra global (bem conhecida por ele) teve uma efetiva memorização. Nas outras palavras tivemos um comportamento diferente, sendo assim ele teve que parar para raciocinar e levava alguns minutos para mentalizar a resposta. Em todas as palavras, ele repetia letra por letra e tentava juntá-las. As palavras “papai e mamãe” ele reconheceu, já as demais, não. Ele conseguiu reconhecer/ou na composição das palavras. Além dessa atividade, ao longo do trabalho com o Murilo fizemos diversos jogos de alfabetização que tinham como objetivo o desenvolvimento do aluno de forma interativa e lúdica, então nas próximas páginas iremos descrever atividades como: jogo da memória, contação de história com jogo para formar e completar palavras, bingo silábico, bingo dos sons iniciais, caça-palavras, caça rimas e cruzadinha, respectivamente.

Começaremos pelo jogo de memória. Para a realização desta atividade, levei cartas que continham letras do alfabeto (simulando um alfabeto móvel), de A até o O. Fiz um jogo da memória, conforme figura 9 e 10, com o estudante e depois outro jogo que consistia em eu embaralhar as letras e ele teria que colocar em ordem. No jogo da memória, percebi que ele tem uma boa memória fotográfica, porque antes de embaralhar ele viu algumas letras e memorizou as no lugar que estavam. A princípio, ele não entendeu o jogo, somente depois que eu joguei uma vez ele percebeu a semelhança das letras e o que tinha que realizar naquela atividade,

porém em alguns momentos ele ficava em dúvida se a letra era igual ou não, porque a cor era diferente, porém ainda assim era a mesma letra, então ele ficava um tempo raciocinando, mas no final acertava a resposta. Ao finalizarmos os jogos, percebi que ele se saiu muito bem e mostrou saber diferenciar as letras entre si.



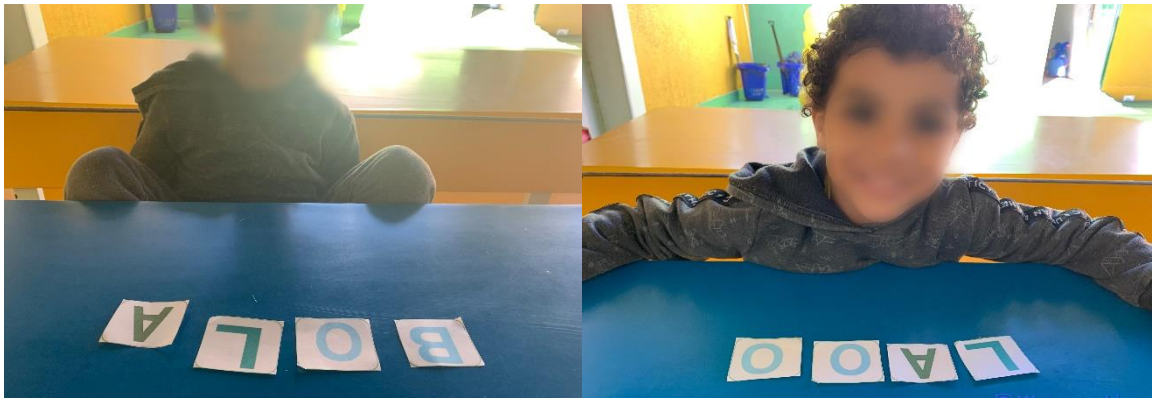
Figuras 9 e 10, respectivamente.

acervo pessoal – 2023

Outra atividade realizada com o educando foi a contação de história, era sobre uma bola “danada” que saía quicando por vários lugares e causando uma bagunça por onde passava. Em seguida tivemos um jogo de palavras, derivado dessa história, em que ele formou palavras presentes na simples narrativa e em outro momento completou as letras que faltavam em outras palavras, também referentes a história anteriormente contada, em que o fundamento era exercitar e fortalecer a noção silábica, fonológica e valor sonoro das sílabas para o seu desenvolvimento.

Começamos montando palavras dissílabas simples que foram citadas na história e logo após formamos trissílabas. No momento de formar as palavras, o estudante apresentou facilidade com os sons que possuíam “A”, porém quando tínhamos um “O” em final de palavra, como na sílaba “DO” (das palavras “danado” e “lado”), ele apresentava dificuldade de identificar que era a junção do “D+O”, porque o som silábico nas palavras em questão era similar ao som do “U”, como em “lado” e “danado” que ao ser pronunciado por ele tinha o som de “U” na sílaba final, por conta do processo de alçamento da vogal posterior média para a vogal alta u, no Português Brasileiro.

Segue fotos dos fatos observados (Figuras 11 - 17). Em outro momento do jogo, colocava só as consoantes ou só as vogais da palavra e ele completava de acordo com as palavras previamente lidas na história, nesta parte ele foi super bem, só apresentou dificuldade com o “DO”, novamente, de “danado” pelos motivos explicados anteriormente.



Figuras 11 e 12, respectivamente.



Figuras 13 e 14, respectivamente.



Figuras 15 e 16, respectivamente.



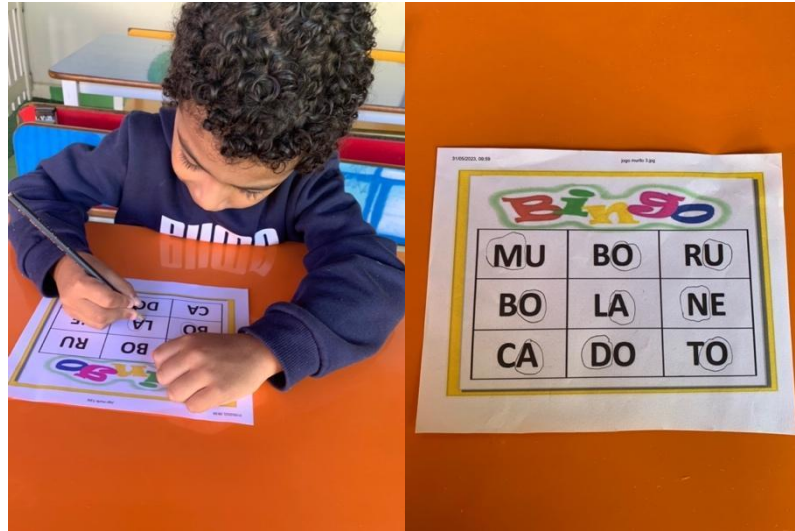
Figura 17.

acervo pessoal – 2023

Esta atividade foi fundamental para o desenvolvimento da consciência fonológica o Murilo. Ele conseguiu compreender melhor o som de cada sílaba e a formação silábica, e isso ajudou muito para que ele tivesse uma melhor desenvoltura em outras futuras atividade, como no encontro seguinte em que realizamos dois bingos.

Realizei dois tipos de jogos de bingo. No primeiro, o educando tinha de encontrar a sílaba correspondente a que eu mencionava, por meio de ditado. No segundo tipo de bingo, ele teria que encontrar a imagem e palavra referentes ao som inicial de uma outra palavra que eu mencionasse.

No primeiro bingo, ditei diversas sílabas como “la”, “do”, “bo”, “mu”, “to” etc. Ele conseguiu identificar perfeitamente quase todas as sílabas e seus respectivos sons, com exceção do “Ca” que causou uma dúvida, pois o som se assemelha ao som da letra K sozinha, então ele ficou procurando o “K”. Quando não encontrou, ficou meio confuso, mas nesta etapa da aprendizagem é comum essas confusões, pois eles ainda não sabem fazer essa diferenciação desses sons iguais (foneticamente iguais, embora ortograficamente tenham representações distintas). Quando eu expliquei com o movimento da boca e mostrei as opções que tínhamos na folha, ele identificou e finalizamos o bingo, conforme figuras 18 e 19.



Figuras 18 e 19, respectivamente.

acervo pessoal - 2023

No outro bingo, figuras 20 e 21, ele tinha que identificar os sons iniciais, sendo assim eu sorteava uma palavra e ele teria que identificar uma outra palavra, na cartela, que possuía o mesmo som inicial, por exemplo - laço, mas na cartela não teria a palavra “laço” e sim alguma outra, como lápis. O objetivo didático deste jogo de alfabetização é promover no aluno a associação de sons, entendendo que há palavras distintas com sons iguais ou semelhantes, de maneira a fazer o estudante compreender que todas as palavras da língua são compostas por um conjunto limitado de letras. Nesta atividade, o Murilo demonstrou domínio, realizando rápida e perfeitamente a tarefa. O jogo foi realizado por mim como sorteadora das palavras, e uma colega da classe dele também participou do jogo agregando conhecimento e tornando o momento mais interativo e divertido. O jogo foi adaptado da proposta de Brandão, Seal e Ferreira, conforme abaixo:

“Objetivos didáticos: -Compreender que as palavras são compostas por unidades sonoras que podemos pronunciar separadamente; - Comparar palavras quanto às semelhanças sonoras (nas sílabas iniciais); - Perceber que palavras diferentes possuem partes sonoras iguais; - Identificar a sílaba como unidade fonológica; - Desenvolver a consciência fonológica, por meio da exploração dos sons das sílabas iniciais das palavras (aliteração).” (BRANDÃO; SEAL; FERREIRA. 2009. Pág. 18).

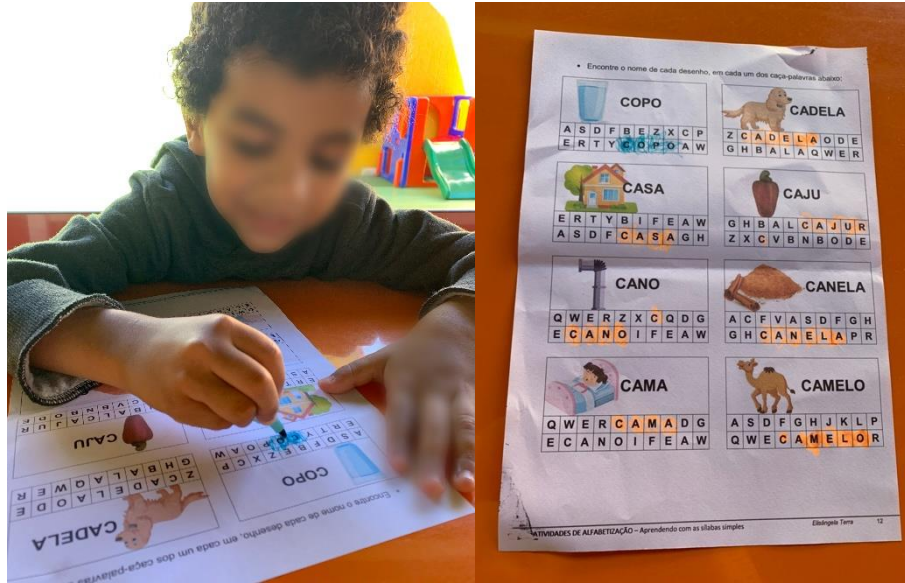


Figuras 20 e 21, respectivamente.

acervo pessoal - 2023.

Diante do sucesso das atividades em forma de jogos e sendo de fácil compreensão, pensei e levei mais dois jogos para o Murilo visando seu desenvolvimento e evolução no sistema alfabético. Realizamos, por isso, o caça rimas e o caça-palavras, figuras 22-25, em cada um destes exercício percebi um envolvimento e animação do aluno para realizar plenamente as atividades.

O Murilo se saiu muito bem no caça palavras, foi bem interessante ver o desenvolvimento desta atividade com ele. No início, ele ficou super animado e pediu para usar canetinha no jogo, permiti e começamos a jogar, ele lia cada letrinha e no momento de procurar a palavra ia mencionando as letras e formando as sílabas, por exemplo, “C-A=CA” e depois ele grifava a palavra, demonstrando um avanço em reconhecer letras iniciais e sons silábicos que antes ele demonstrava dificuldade.



Figuras 22 e 23, respectivamente.

acervo pessoal – 2023

Posteriormente, realizamos uma atividade chamada caça rimas, tendo por objetivo desenvolver a noção silábica sonora da criança, entendendo a diversidade de sons similares que combinam entre si, mas são escritos de forma diferenciada. Nesse exercício, o Murilo se saiu super bem, somente no início que apresentou uma leve dificuldade para entender o sentido do jogo, porém eu ia indicando opções de sons referentes a palavra sorteada e ele foi entendendo e se envolvendo na brincadeira. Ele pintava o objeto que correspondesse ao som da palavra sorteada, anteriormente, por mim, conforme figuras 24 e 25. O Murilo demonstrou ter um desenvolvimento fonológico acima do esperado na sua faixa etária e escolar, sendo assim demonstrou bastante compreensão dos sons silábicos e suas similaridades, e também entendeu que a palavra é composta por unidades sonoras.

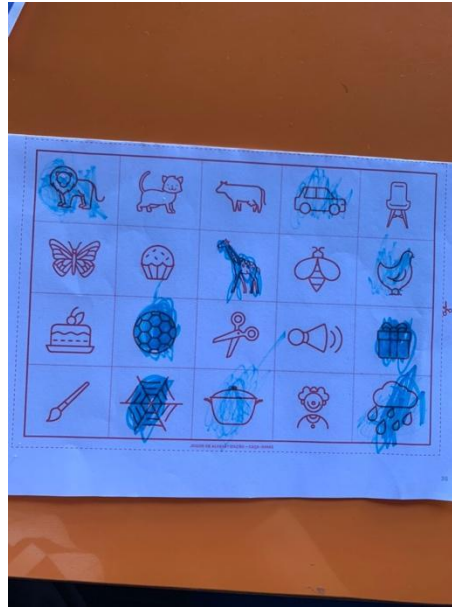


Figura 24.

acervo pessoal – 2023.

A seguir, apresento por último uma cruzadinha, figura 26, realizada com o educando Murilo tendo por objetivo fazer o Murilo refletir sobre o nível que ele se encontra. Como a criança silábica tende a representar uma letra por sílaba, ao fazer a cruzadinha o Murilo pode perceber que, ao escrever desta forma, sobriariam quadradinhos na cruzadinha, o que o fez repensar sua hipótese sobre a escrita.

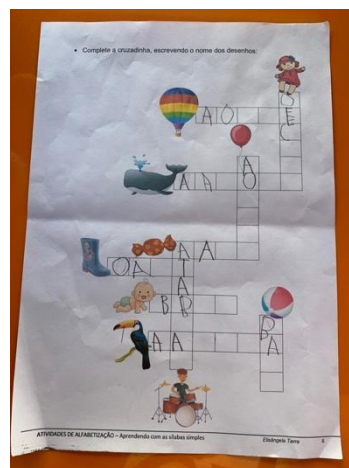


Figura 25.

Acervo pessoal – 2023

Estas atividades foram bastante reveladoras, porque evidenciaram que, com adaptações

mínimas e a partir do desenvolvimento de atividades simples, mas focadas nos objetivos de aprendizagem do estudante, foi possível compreender que o Murilo é extremamente capaz de compreender o SEA e a utilizá-lo de acordo com seu nível de apropriação. O estudante se mostrou apto a realizar várias atividades de leitura e escrita, em diferentes níveis e de diferentes complexidades, o que deixa claro que estudantes autistas, apesar de suas particularidades de aprendizagem, são igualmente capazes de aprender e se desenvolver, desde que a escola seja, para eles, um lugar de acolhimento e respeito às suas necessidades e especificidades.

6. Considerações Finais

Pensando no tempo de observação que tivemos com o educando e o processo de aprendizagem avaliado, podemos concluir que por mais curto que tenha sido o período, o aluno apresentou o desenvolvimento de habilidades, como por exemplo uma evolução em reconhecer letras iniciais e sons silábicos que antes ele demonstrava dificuldade, reconhecimento mais rápido e certo das letras que compõe o alfabeto e um melhoramento da sua consciência fonológica.

Além disso, pude observar uma diferença gritante em seu comportamento no ambiente escolar, desde o momento de realizar as atividades propostas comigo, como também em sala de aula com a professora regente. Ao chegar na escola para realizarmos os procedimentos ele já se apresentava ansioso e animado para iniciar as atividades e pedia pelos exercícios, se empolgava bastante e em sala de aula também começou a se demonstrar mais calmo e atento.

Esta mudança tem ligação direta com a forma que lidei com ele, fazendo o se sentir em um ambiente seguro. Com a mudança da sala de aula para o refeitório e parquinho para a realização das atividades, por exemplo, ele, também, se sentia mais à vontade e estimulado para realizar os exercícios pedagógicos, além de termos criado um laço emocional ainda mais forte gerando confiança e afeto de ambas as partes. Esta mudança também pode ser atribuída ao fato de levar atividades que o fizeram gostar do ambiente escolar e entender que ali ele pode aprender e se divertir, afinal o aprendizado não precisa ser algo rígido.

“Portanto, o docente deverá realizar as adaptações nos conteúdos curriculares, refletir sua prática de acordo com as particularidades do seu aluno, para promover um ensino significativo e inclusivo.” (SILVA, 2020. Pág. 33)

Podemos concluir, então, que o aluno evoluiu em diversos aspectos da apropriação do sistema de escrita alfabética, embora não tenha avançado de fase de alfabetização (o que é

compreensível, considerando o pouco tempo que dispúnhamos para a realização das atividades). Ele continuou apresentando evidências da fase silábica com valor sonoro, o que já era esperado pelo breve tempo da realização da pesquisa e também porque ele está no jardim II e não anos iniciais quando se começa o processo de alfabetização, ou seja, ele já é uma criança avançada para o seu desenvolvimento dentro do previsto.

Podemos concluir com essa análise específica e toda a parte teórica descrita, que elas se articulam veementemente convergindo ao ponto da necessidade de podermos oferecer um ensino adequado as limitações de cada aluno com necessidades específicas e demais limitações cognitivas, por exemplo. Algo muito interessante é que muitas das adequações nem sempre precisam ser completamente inovadoras, as vezes atividades simples já utilizadas podem ser efetivas, podendo então precisar somente de uma adequação quanto ao ambiente de aprendizagem e tempo para desenvolver o exercício, por exemplo.

“Dessa forma, as práticas pedagógicas inclusivas serão (re) pensadas em função de um sujeito que apresenta um percurso peculiar do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que se beneficiarão de uma série de estratégias didáticas acessíveis, ferramentas culturais, que, se intencionalmente planejadas e levando em conta as particularidades de seu desenvolvimento, avançarão bastante em seu processo de alfabetização e letramento.” (LIMA, 2018. P. 91)

No caso de Murilo, para realizar as atividades o tirava de sala e levava para o refeitório em frente ao parque, assim ele tinha menos empecilhos que tiravam sua atenção, no momento de realizar os exercícios pedagógicos, e que muitas vezes o deixava estressado. Ele amava este tempo em outro ambiente, porque diminuía o barulho ao seu redor, deixando-o mais tranquilo e atento. Com isso, ele, também, tinha um tempo maior para a realização dos jogos pedagógicos, além de ser um momento divertido, ou seja, aprendendo de forma bem lúdica, isso fazia com que ele se interessasse por aprender.

“Neste sentido, práticas educativas inclusivas são necessárias para promoção do conhecimento. A alfabetização e letramento deste aluno deve ser observado com muita atenção e dedicação do professor, suas práticas devem voltar-se para potencializar as habilidades e superar as dificuldades deste aluno.” (SILVA, 2020. Pág. 33).

Retomando o que foi discutido ao longo do texto, verificamos que o objetivo do presente artigo foi alcançado, afinal concluímos a importância das adequações curriculares no contexto da educação inclusiva, em pontos debatemos sobre o que é o autismo e sua relação na fase de alfabetização, evidenciando possíveis consequências no desenvolvimento do aluno e a

necessidade de um docente com o olhar mais individualizado e inclusivo, visando o pleno desenvolvimento do estudante, sendo essas possibilidades desde uma mudança de ambiente para a realização das atividades até exercícios totalmente personalizados dependendo do nível de suporte que esse educando irá demandar.

Sendo assim, com essa articulação da teoria (revisão bibliográfica) com a prática, demonstrada neste artigo, entendemos que frente ao grau do Espectro Autista que o Murilo se situava e levando em consideração as características comportamentais do aluno, assim como também seu contexto familiar e escolar, as adequações realizadas se caracterizam como didático-pedagógicas e assim podemos evidenciar, então, que simples atividades já comumente usadas em processo de alfabetização quando aplicadas de forma correta e muitas vezes, somente, com o tempo e o espaço adaptados, diferente do habitual, produzem uma aprendizagem mais significativa, e essas adaptações não beneficiam só a educação inclusiva, mas também qualquer outro aluno que tenha dificuldades de aprendizagens ao longo de processos educacionais.

6. Referências

American Psychiatry Association. *Neurocognitive disorders supplement. DSM-5-TR*. Janeiro, 2023.

ANDRADE, Maria Eurácia Barreto de. *Alfabetização e letramento: o desvelar de dois caminhos possíveis*. Jundiaí, SP: Paco, 2011. 278 p. ISBN 9788564367388.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Avaliação diagnóstica da alfabetização*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 88 p. (Coleção Instrumentos da Alfabetização; 3).

BRASIL, Ministério da educação. *Jogos de alfabetização: manual didático e 10 jogos para você levar para a sua sala de aula*. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. 2009.

BRASIL, Secretaria de Estado de Educação do DF. *Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação especial*. Brasília, Distrito Federal. 2014.

BRASIL, Secretaria de Estado de Educação do DF. *Orientação pedagógica: Educação especial*. Brasília, Distrito Federal. 2010.

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru Shibukawa; DE OLIVEIRA RINALDO, Simone Catarina. *Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com transtorno do espectro autista*. In: **Colloquium Humanarum**. 2016.

DA SILVA, Jaqueline Renata et al. *Crianças autistas no processo de alfabetização: práticas pedagógicas inclusivas*. **Contemporânea Revista UniToledo: Arquitetura, Comunicação, Design, Educação e História**, v. 3, n. 1, 2018.

DE MORAIS, Arthur Gomes; DE ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz. *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DOS SANTOS, Ana Claudia Siqueira; PESSOA, Élide; PEREIRA, Maria José Garangau; SILVA, Rozilene Nascimento Lima. *Alfabetização e letramento: dois conceitos, um processo*. São Luiz, 2017.

Evasão escolar de crianças e adolescentes aumenta 171% na pandemia, diz estudo. São Paulo, 2021. Globo, G1.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

LIMA, Rafaella Asfora; CAVALCANTE, Tícia Cassiany F.; SOUZA, Wilma Pastor de A. *Práticas pedagógicas em educação inclusiva: Compartilhando experiências*. Editora UFPE. Recife, 2018.

MORTATTI, M. DO R. L. *Alfabetização, política e democracia: impactos do passado em pactos do presente (em defesa de Paulo freire como “patrono da educação brasileira”)*. Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, v. 5, n. 10, p. 5-32, 15 mar. 2019.

PESSOA, Ana Cláudia R. G.; LIMA, Rafaella Asfora S. C.; CAVALCANTE, Tícia Cassiany F.; SOUZA, Wilma Pastor de A. *EDUCAÇÃO INCLUSIVA: práticas de alfabetização e letramento com estudantes com deficiência e especificidade linguística*. Editora UFPE. Recife, 2022.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Suelen Palasson da. *Um olhar sobre a inclusão e as práticas inclusivas para a alfabetização e letramento do autista*. 2020.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. *Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo, 1989.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*: tradução Marcos Bagno. - 1. ed. - São Paulo : Parábola Editorial, 2014.

TERRA, Elisângela. *Atividades de alfabetização: aprendendo com as sílabas simples*. 1ª edição, alterosa - Minas Gerais. 2021.

TREVIZAN, Zizi; ARAÚJO, Gisele Silva. *Autismo: Modos pedagógicos de alfabetização e letramento*. *Dialogia*, n. 41, p. 20989, 2022.

7. Apêndices:



TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU SOM DA VOZ PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS

Por meio deste termo, **Murilo de Lima Carvalho**, participante do estudo "**Alfabetização e autismo: desafios e adequações curriculares necessárias**", cede o direito de uso das imagens pessoais e/ou do som da sua voz que foram adquiridas durante a realização do tratamento clínico a que foi submetido ou durante sua participação em estudo/pesquisa anterior (neco) Trabalho Final de Curso, para fins de obtenção de grau acadêmico (ou divulgação científica), sem qualquer limitação de número de inserções e reproduções, desde que essenciais para os objetivos do estudo. **Está garantida a ocultação da sua identidade, incluindo a ocultação da face e/ou dos olhos, quando possível.**

(a) utilizar e veicular as fotografias, vídeos e/ou som da sua voz obtidas durante seu tratamento clínico ou durante sua participação em estudo/pesquisa anterior (neco) Trabalho Final de Curso, para fins de obtenção de grau acadêmico (ou divulgação científica), sem qualquer limitação de número de inserções e reproduções, desde que essenciais para os objetivos do estudo. **Está garantida a ocultação da sua identidade, incluindo a ocultação da face e/ou dos olhos, quando possível.**

(b) veicular as fotografias, vídeos e/ou som da sua voz acima referidas na versão final do trabalho acadêmico, que será obrigatoriamente disponibilizado na página web da biblioteca (repositório) da Universidade de Brasília – UnB, ou seja, na Internet, assim tornando-as públicas para outros estudantes e/ou pesquisadores;

(c) utilizar as fotografias, vídeos e/ou som da sua voz na produção de quaisquer materiais acadêmicos, inclusive aulas e apresentações em congressos e eventos científicos, por meio oral (conferências) e/ou impresso (pôsteres ou painéis);

(d) utilizar as imagens, vídeos e/ou som da sua voz para a publicação de artigos científicos em meio impresso e/ou eletrônico para fins de divulgação, sem limitação de número de inserções e reproduções;

(e) No caso de imagens, executar livremente a montagem das fotografias, realizando cortes e correções de brilho e/ou contraste necessários, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida;

(f) No caso do som da voz, executar livremente a edição e montagem do trecho, realizando cortes e correções necessárias, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida.

Não haverá restituição financeira de qualquer natureza neste ou a qualquer momento pela cessão das imagens.

É vedado ao pesquisador utilizar as imagens para fins comerciais ou com objetivos diversos da pesquisa proposta, sob pena de responsabilização nos termos da legislação brasileira.

Concordando com o termo, o participante de pesquisa e o pesquisador assinam o presente termo em 2 (duas) vias iguais, devendo permanecer uma em posse do pesquisador responsável e outra com o participante ou seu responsável.

Local e data: Brasília, 19 de maio de 2023.

Pesquisador responsável: _____

Participante do estudo ou seu responsável legal: _____

Figura 26
Acervo pessoal



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ
PARA FINS DE PESQUISA

Eu, **Murilo de Lima Carvalho**, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no Trabalho final de curso intitulado "**Alfabetização e autismo: desafios e adequações curriculares necessárias**", sob responsabilidade de **Leticia de Araujo Silva** vinculado(a) ao curso de *Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para *análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e atividades educacionais*.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) responsável legal do participante

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, 19 de maio de 2023.

Figura 27
acervo pessoal